

**A INFLUÊNCIA MIDIÁTICA DOS PROGRAMAS INFANTIS
NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
DA LÍNGUA INGLESA**

Camila Féres Valinho (CEUCLAR; UNIFSJ)
milavalinho@homail.com

Laís Teixeira Lima (UENF; UNIFSJ)
laisbj@gmail.com

RESUMO

Este estudo tem como principal objetivo observar como a presença da mídia televisiva no cotidiano das crianças pode afetá-las direta ou indiretamente no processo de aprendizagem do vocabulário de língua inglesa. Para isso, realizamos um levantamento dos canais televisivos, disponibilizados no Brasil, que têm as crianças como público-alvo, a fim de compreender a sua dimensão no meio de comunicação. Percebemos que a maior parte destes canais possui sua sede em outros países – como Estados Unidos e Canadá – o que implica uma significativa carga cultural e linguística oriunda desses países. Diante desse fato, realizamos um estudo de como estes programas podem auxiliar as crianças na aquisição de vocabulário na língua inglesa. Observamos como seus estímulos visuais e sonoros podem levar o telespectador a assimilar e apreender o vocábulo, sua fonética e ortografia. Portanto, para o desenvolvimento deste artigo, partimos da seguinte questão-problema: Como os programas infantis podem influenciar crianças na aquisição de uma segunda língua e ser uma metodologia diferenciada para o ensino de uma língua estrangeira? Então, este trabalho é qualitativo e trouxemos como principais fontes teóricas autores como Maria Aparecida Baccenga (2002), Ligia Maria Nogueira Barioni (2015), J. Michael O'Malley (1995) e Maria Cristina Fernandes Pereira (2008).

Palavras-chave:

Língua estrangeira. Língua inglesa como L2. Vocabulário. Programa televisivo.

1. Introdução

Este artigo almeja compreender como ocorre a aquisição de uma segunda língua por uma criança por meio de programas infantis televisivos, já que há uma grande variedade de canais nesse meio de comunicação de massa, alguns ainda destinados apenas a este público, e uma gama significativa de tipos de programas em suas exibições.

Com o estilo de vida agitado que as famílias têm atualmente, as atividades físicas, brincadeiras, e momentos ao ar livre estão cada vez menos presentes na rotina das crianças. Isso porque estamos vivendo em uma sociedade em que as cidades são aglomeradas, os pais (ou responsá-

veis) atarefados, os apartamentos pequenos em edifícios imensos, grandes distâncias entre os locais na cidade, e funções que devem ser realizadas no cotidiano. Estão associados ainda a atração pela tecnologia e sua imersão, e a composição familiar hoje com um número menor de membros. Estes são alguns dos fatores a intervirem no modo de vida de uma sociedade. Eles podem ser os responsáveis por deter as crianças em casa por mais que o desejado ou necessário.

Entretanto, os fatores desfavoráveis são aqueles relacionados ao desenvolvimento desta criança, e que, conseqüentemente, podem afetar sua formação de forma negativa. A falta de comunicação e o contato com outras pessoas – especialmente seus familiares e outras crianças – não auxiliam na formação desses pequenos indivíduos, uma vez que estão sozinhos ou sem o importante convívio com pessoas de sua faixa etária.

Todos esses fatores podem indicar que essas crianças passarão mais tempo em casa e mais tempo sozinhas. O que fazer para entretê-las, então? A tão popular e famosa televisão recebeu uma nomeação referente a esta sua nova função, a de “babá eletrônica”. Com inúmeros programas em incontáveis canais é fácil encontrar algo da preferência infantil. Tão fácil que, após a criação de emissoras dedicadas somente ao conteúdo para os pequenos, há uma programação exclusiva para eles vinte e quatro horas por dia, com direito à propaganda de produtos feitos para este público, com os mais diferenciados e inovadores brinquedos e acessórios.

Porém, esta questão desencadeou reflexões acerca do crescimento dessas crianças. Tanto tempo diante de uma tela, não poderia influenciá-las? Surge então a preocupação com o conteúdo a que elas assistem. Busca-se, a partir desta compreensão, um ideal para auxiliar no desenvolvimento infantil e encontrar uma forma de união entre televisão e educação infantil, ou seja, os programas podem ensinar, enquanto divertem seus telespectadores. O primeiro canal infantil a ser fundado na TV a cabo foi a *Nickelodeon*, em 1979. Esta emissora e outras muitas mais existem atualmente com o tipo de programação já citados anteriormente.

Portanto, o foco desta análise é a perspectiva da aprendizagem da criança a partir de desenhos apresentados pelas emissoras de televisão, uma vez que os mesmos podem auxiliar no processo de aprendizagem das crianças, em diversos aspectos, tais como: desenvolver suas habilidades motoras com o estilo *Do it yourself* (faça você mesmo); ensinar as letras do alfabeto e as cores; como respeitar às leis de trânsito, além de vocabulários de sua língua materna e de uma língua estrangeira. Com tantas

habilidades a serem ensinadas, e sob incontáveis maneiras de serem transmitidas, as crianças aprendem, e da forma mais agradável a elas, se divertindo.

Como consequência, as crianças aprendem coisas desconhecidas a partir de novas informações, logo, aprendem palavras importantes para seu léxico. Se elas podem compreender esses vocábulos, também podem assimilar termos de um idioma diferente com a mesma facilidade ou semelhante.

2. *Perspectiva das emissoras infantis no Brasil*

Com a globalização e todo seu processo grandioso nos séculos XX e XXI, a televisão se tornou uma preponderante fonte de informação, sendo ainda hoje uma das mais influentes no mundo. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2013, em um total de 65,1 milhões de domicílios no Brasil, 63,3 milhões (97,2%) possuíam televisão. Deste total de 63,3 milhões de casas com televisores, 29,5% delas tinham a recepção de sinal por meio de assinatura, ou seja, cerca de 18,7 milhões de brasileiros tinham TV a cabo em suas residências.

Os canais de televisão com o sinal aberto possuem uma gama significativa de opções para entretenimento para jovens e adultos, porém, mesmo nos dias atuais, ela é carente de programas educativos destinados, principalmente, a crianças. Como tentativa de disponibilizar este tipo de programa televisivo, houve a implementação de canais como, a TV Escola, TV Cultura e Futura. Esses canais não atenderam às expectativas do público, possivelmente, pela falta de recursos financeiros, uma vez que tais programas podem não gerar lucro como alguns outros.

Diante desta carência na televisão aberta, os telespectadores buscaram os programas educativos disponibilizados pelos planos por assinatura, fato que proporciona o crescimento pela busca por estes canais, aumentando, consequentemente, o número de canais com a programação exclusivamente infantil.

Atualmente, há aproximadamente dez emissoras que têm como proposta atender este público infantil e/ou jovem: TV Rá-Tim-Bum (a única nacional), Cartoon Network, Tooncast, Nickledeon, Nick Jr., Disney Channel, Disney XD, Disney Junior, Discovery Kids e Boomerang. A programação destes canais apresenta desenhos animados, seriados e

filmes dedicados aos mais novos na sociedade, além de propagandas também direcionadas a eles. O interessante desses dados é que as emissoras fazem parte da rede fechada de canais, ou seja, estão disponíveis apenas para os assinantes de TV a cabo. A sua maioria, nove, são multinacionais com produções adaptadas para o público infantil brasileiro, (são canais com polos no Brasil, mas sede nos Estados Unidos) ou, em poucos casos, produções nacionais.

Ao tratar de televisão e educação, Maria Aparecida Baccenga (2002) diz ser preciso deixar de encarar este meio de comunicação em massa como inimiga da educação, por ela ser divertida, e ainda afirma que o divertido também pode educar por trazer outra linguagem, diferente da tradicional.

3. A interação entre o telespectador e o inglês

A partir dessa análise, pode-se confirmar a presença da língua inglesa indiretamente na rotina das crianças, em seus momentos de lazer. Ao assistir um desenho americano, a criança compreende as situações apresentadas pelos personagens, que são baseados nos moldes de vida dos EUA, assim como suas roupas, comidas, lugares e principalmente, as circunstâncias dos acontecimentos mostrados em tal animação. Tratando-se de cultura, mais evidentes são os seriados, pois atores escalados expõem o *American Way of Life* (estilo de vida americano) perfeitamente, com cenários representando residências, escolas, restaurantes e ruas.

Atualmente, mesmo nos programas infantis traduzidos para a língua portuguesa, há aqueles que apresentam expressões ou mesmo palavras em língua inglesa, justamente para que o telespectador aprenda o vocabulário utilizado e o assimile ao relacioná-lo com a situação mostrada na tela.

Esses desenhos animados que usam vocabulário original entre as falas traduzidas e dubladas dos personagens são ainda mais influentes na aprendizagem de um idioma. Expressões usuais como *Let's go*, *Thank you*, e palavras como *Hello*, *Good*, *Sorry* e *Bye* estão se tornando comuns nas animações transmitidas no país. Ao associar os termos às imagens, o telespectador assimila essa informação e a transforma em conhecimento. Com isso, as crianças são estimuladas a aprender outro idioma (palavras e estruturas simples) fora dos padrões tradicionais de ensino.

Um caso exemplar desse modelo de desenho animado é a série

Dora, a Aventureira, criada nos Estados Unidos em 1999. A personagem principal é uma menina de origem latina e com a fala bilíngue, portanto é capaz de se comunicar em dois idiomas²: o português e o inglês.

Ligia Maria Nogueira Barioni (2013), em sua pesquisa exclusiva a este desenho, exemplifica o uso bilíngue citado na animação:

Vejamos um exemplo, em *Egg Hunt* (2003): Dora e Botas chegam à fazenda à procura de ovos, mas no cenário há muitos - 61 - animais [...]. Lá está Tico, uma personagem que só se comunica em inglês. Dora diz: “Hi Tico, we are looking for eggs”. Tico responde: “There’s an egg next to the animals that say ‘oinc, oinc, oinc’”. Dora traduz o que Tico disse e pergunta quais são os animais que fazem “oinc, oinc”. Eles pegam o ovo perto dos porcos, mas querem os outros ovos escondidos por ali também e Tico dá a dica: “There’s another egg next to the animals say ‘muuumuuuu’”. Dessa vez, Dora não traduz e pergunta diretamente ao telespectador quais são os animais que fazem “muuumuuuu”. Por fim, há outro ovo “next to the animal that says ‘miau mi-au’”. Dora pergunta qual animal faz “miau mi-au”. A tradução foi necessária, a princípio, para que a criança não se sentisse perdida diante de tantas possibilidades, mas perdeu a importância com a repetição constante da pergunta e da estratégia para responder. Assim, espera-se que a criança aprenda o que precisa fazer. (BARIONI, 2013, p. 61)

A partir deste exemplo proposto por Ligia Maria Nogueira Barioni (2013), é possível evidenciar que, ao entrar em contato com pequenas frases em inglês associadas a imagens e a sons considerados universais – como por exemplo o som que os animais produzem: *oinc oinc, mi-au mi-au e muuu* –, a criança poderá ser capaz de compreender o contexto onde aquela frase está inserida, aumentando, assim, a probabilidade de assimilar o que está sendo exposto pelo desenho.

Outro exemplo de produção animada que ensina a língua inglesa por meio de canções e palavras é o desenho *Super Why!*, uma animação produzida nos Estados Unidos da América e no Canadá. A série tem como objetivo ensinar habilidades referentes à leitura, e envolve elementos como as letras do alfabeto, palavras e ainda frases do inglês. Assim, são principalmente trabalhadas as habilidades de *listening* e *reading* (ouvir e ler), pois faz uso da ortografia, pronúncia, canções e ainda fonética de algumas palavras. É transmitida pela emissora *Discovery Kids* e nomeia os telespectadores e personagens de Superleitores.

Estes modelos de animações são eficazes no auxílio do processo

² Nos Estados Unidos, Dora usa a língua inglesa para a comunicação geral, mesclando com palavras e expressões na língua espanhola.

de ensino-aprendizagem da criança. J. Michael O'Malley e Anna Uhl Chamot (1995) sugerem que a aquisição de uma segunda língua deve ser estudada sob a interação entre linguagem e cognição, e isto leva à reflexão sobre o processo de aprendizagem de outra língua por meio do desenvolvimento de habilidades cognitivas (procedimentos mentais de instrução para efetivação de conhecimentos).

Diante disso, observa-se que as emissoras de televisão utilizam diversos aspectos para prender a atenção das crianças, tais como imagens extremamente coloridas, músicas, personagens atrativos, entre outras estratégias. Quando a criança está muito interessada no que está assistindo, ela geralmente estabelece uma interação com o desenho e, conseqüentemente, aprende com mais facilidade e dinamicidade. Dessa maneira, os canais também conseguem conquistar os pais ou responsáveis das crianças, pois eles passam a observar esses canais como aliados da aprendizagem dos filhos, uma vez que seus filhos passam a descobrir novos conhecimentos e desenvolver novas habilidades. Tal perspectiva pode, talvez, estar atrelada ao motivo do crescimento significativo dessas emissoras dedicadas exclusivamente ao público infantil.

4. *A aprendizagem de inglês a partir dos programas televisivos*

Compreender outro idioma em uma fase na qual está descobrindo o mundo e sua língua materna pode-se tornar algo com certo grau de dificuldade para as crianças. Como elas ainda não possuem os pré-requisitos necessários para a aprendizagem mais formal de uma língua estrangeira, é essencial que essa aprendizagem seja regida por metodologias próprias e específicas da idade, aliadas aos estágios do desenvolvimento infantil.

Sobre a aquisição de conhecimento infantil, Raquel Cristina Mendes de Carvalho (2009) ensina que "o processo de aprendizagem deve seguir o desenvolvimento natural da criança, evitando o uso de temas e habilidades que estão além do seu alcance, ou seja, os conteúdos devem focar o mundo infantil e os interesses das crianças". (CARVALHO, 2009, p. 320)

Outro fator favorável à instrução de crianças na língua inglesa por meio de programas infantis é o fato de eles permanecerem concentradas mais facilmente ao assistir uma história na televisão, por exemplo. A atenção é voltada para a tela colorida, com figuras em movimento, falan-

do e cantando, interagindo com eles. Em algumas situações, a criança até repete o que observa, imitando as ações dos personagens, e, o mais indicado para o estudo do idioma, memorizando e criando uma relação das palavras ditas em Inglês à imagem que veem.

A forma com a qual ocorre este tipo de aprendizagem pode compreendida, seguindo a aquisição de conhecimento dos definidos como *global learners* (aprendizes globais), por exemplo. Este tipo de aprendizagem se encaixa no modelo apresentado anteriormente, no qual as crianças se apresentam aptas (também os jovens, sendo as crianças o público-alvo desse estudo) a assimilar mais facilmente novos vocábulos da língua inglesa por meio de programas infantis.

Segundo Richard M. Felder e Eunice R. Henriques (1995, p. 25),

aprendizes globais assimilam informações aparentemente em fragmentos desconectados e alcançam o entendimento em grandes saltos holísticos. Antes dos aprendizes globais dominarem os detalhes de um assunto, eles precisam entender como o material apresentado se relaciona com seus conhecimentos e experiências anteriores [...] (tradução nossa)

A facilidade de aprendizagem de vocabulário em uma segunda língua é comentada por Claudia Hilsdorf Rocha (2007, p. 294):

[...] alguns fatores devem ser levados em consideração no que diz respeito ao ensino de vocabulário. Dentre eles, citamos a demonstrabilidade (facilidade de se atribuir sentido às palavras), a similaridade com a língua materna, a brevidade (tamanho da palavra), a regularidade de forma, a carga semântica na aprendizagem (o fato de a palavra estar relacionada a outras já conhecidas) e a relevância da palavra para a criança. Algumas técnicas apontadas [...] para o ensino de vocabulário incluem o uso de objetos concretos, desenhos, figuras, fotos, ilustrações, técnicas verbais (explicações, definições, entre outras) e corporais (gestos, mímica etc.), bem como o uso dos sentidos (tocar, degustar, sentir o cheiro, entre outros) e da tecnologia.

Então, na maioria das vezes, os desenhos buscam seguir o processo de desenvolvimento natural das crianças e seus interesses, utilizando estratégias, imagens, sons, gestos e personagens atrativos para que a criança coloque sentido no que está vendo, oportunizando, assim, uma aprendizagem mais atrativa, aliando a aprendizagem ao lúdico.

5. Considerações finais

São incontáveis os programas produzidos em países cujo idioma oficial é o inglês, destacando-se as produções norte-americanas. Filmes,

séries, programas de competições, transformações de lugares ou aparência, e desenhos animados são algumas das produções mais exibidas, seja por canais abertos ou canais fechados (TV a cabo). É inegável, então, a presença da língua inglesa na televisão, e isso afeta diretamente as crianças – uma vez que são telespectadores assíduos.

Portanto, recebendo, então, o público infantil, tanta informação de outra origem idiomática, o processo ensino-aprendizagem ocorre de modo indireto. Ao assistirem essas programações, aos poucos e com observação, palavras da língua inglesa são ensinadas pela televisão para as crianças.

Sob estas perspectivas, compreende-se o quão intenso pode ser o efeito de um programa infantil televisivo no despertar de novas informações em língua inglesa. A realização efetiva da aquisição de novo vocabulário por desenhos animados, como exemplificado neste trabalho, é uma frutuosa ferramenta de estudos de uma segunda língua dentro da própria residência do telespectador, e benéfica por completo se utilizada de forma eficaz, fornecendo às crianças novos conhecimentos em língua inglesa, satisfatórios aos estudos posteriores ou concomitantes do idioma, pois despertam a vontade de adquirir mais informações da língua estrangeira em questão.

Entretanto, a mídia televisiva apresenta contras em relação à sua programação, e isso influencia a aprendizagem de língua inglesa por este meio de comunicação. Se não fiscalizado o tempo de acesso à televisão e não for praticado o que foi aprendido pelo telespectador, ele pode, no primeiro caso, tornar-se dependente deste meio de distribuição de conteúdos audiovisuais e não desenvolver o pensamento próprio e instigante, tão importante nas crianças, ou ser desestimulado por falta de provações intelectuais, o que pode acarretar na perda do conhecimento adquirido pelo mesmo meio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Júlia Falivene. *A invasão cultural norte-americana*. 2. ed. São Paulo: Moderna. 2004.

BACCENGA, Maria Aparecida. Televisão e escola: aproximações e distanciamentos. In: *INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Salvador (BA), set. 2002.

BARIONI, Ligia Maria Nogueira. *O lúdico e o pedagógico em “Dora, a aventureira”*: um desenho animado televisivo contemporâneo. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2013. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=55874>>

Acesso em: 08-11-2015.

CARVALHO, Raquel Cristina Mendes de. *A educação infantil descobrindo a língua inglesa: interação professor/aluno*. Guarapuava: Unicentro, 2009. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132009000200009>. Acesso em: 08-11-2015.

CELANI, Maria Antonieta Alba. *Reflexões e ações (trans)formadoras no ensino-aprendizagem de inglês*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

FELDER, Richard M.; HENRIQUES, Eunice R. Learning and Teaching Styles in Foreign and Second Language Education. *Anais de língua estrangeira (Foreign Language Annals)*, vol. 28, n. 1, 1995, p. 21-31.

GOMIDE, Paula Inez Cunha. *Crianças e adolescentes em frente à TV: o que e quanto assistem de televisão*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2007.

HAMER, Jeremy. *How to Teach English*. 3. ed. England: Longman. 1998.

IBGE, *Televisão*. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/noticias-teen/8311-televisao.html>>. Acesso em: 08-11-2015.

O'MALLEY, J. Michael; CHAMOT, Anna Uhl. *Learning Strategies in Second Language Acquisition*. 4. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

PEREIRA, Maria Cristina Fernandes. *Mídia e infância: a influência dos meios de comunicação no desenvolvimento infantil*. Rio Grande do Sul: UNISINOS, 2008.

ROCHA, Claudia Hilsdorf. O ensino de línguas para crianças no contexto educacional brasileiro: breves reflexões e possíveis provisões. *DELTA*, São Paulo, vol. 23, n. 2. 2007.